

# Paulo Freire e Edgar Morin: diálogo sobre aproximações, convergências e implicações metodológicas

*Ana Lúcia Souza de Freitas\**

*Izabel Petraglia\*\**

*Maria Cândida Moraes\*\*\**

## Resumo

O artigo apresenta uma aproximação entre os dois pensadores - Paulo Freire e Edgar Morin - cujas obras são essenciais e complementares para compreender/exercer práticas educativas transformadoras na contemporaneidade. O estudo priorizou estabelecer interfaces entre o conhecimento produzido nas Andarilhagens das autoras, marcadas pelos estudos e pesquisas que realizam sobre os educadores. O objetivo do diálogo entre o pensamento de ambos é analisar os fundamentos ontológicos e epistemológicos que os aproximam, bem como as implicações metodológicas que deles decorrem. A principal contribuição é atualizar estudos sobre quais fecundas são as aproximações teórico-conceituais entre o pensamento de Paulo Freire e Edgar Morin, apresentando questionamentos que sintetizam a atualidade da compreensão e suscitam novas investigações acerca do diálogo entre a educação libertadora e o pensamento complexo.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Edgar Morin. Educação libertadora. Pensamento complexo. Andarilhagens

---

\* Doutora em Educação, Unipampa Campus Jaguarão; Vice-Presidenta do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. 0311anafreitas@gmail.com ; <https://orcid.org/0000-0003-3259-0431>

\*\* Doutora em Educação, FE-USP, Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin; izabelpetraglia@terra.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-9003-8998>

\*\*\* Doutora em Educação, PUC/SP, Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin; mariacandidam4@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4247-8489>

## Abstract

The article presents an approximation between the two thinkers - Paulo Freire and Edgar Morin - whose works are essential and complementary to understanding/exercising transformative educational practices in contemporary times. The study prioritized establishing interfaces between the knowledge produced in the authors' Wanderings, marked by the studies and research they carried out on educators. The objective of the dialogue between their thoughts is to analyze the ontological and epistemological foundations that bring them together, as well as the methodological implications that arise from them. The main contribution is to update studies on how fruitful the theoretical-conceptual approaches between the thought of Paulo Freire and Edgar Morin are, presenting questions that summarize the current understanding and raise new investigations into the dialogue between liberating education and complex thinking.

**Keywords:** Paulo Freire. Edgar Morin. Liberating education. Complex thinking. Wanderings

## Resumen

El artículo presenta una aproximación entre dos pensadores - Paulo Freire y Edgar Morin - cuyas obras son esenciales y complementarias para comprender/ejercer prácticas educativas transformadoras en la época contemporánea. El estudio priorizó establecer interfaces entre los conocimientos producidos en las Andanzas de los autores, marcadas por los estudios e investigaciones que realizaron sobre los educadores. El objetivo del diálogo entre sus pensamientos es analizar los fundamentos ontológicos y epistemológicos que los unen, así como las implicaciones metodológicas que de ellos se desprenden. El principal aporte es actualizar los estudios sobre cuán fructíferos son los acercamientos teórico-conceptuales entre el pensamiento de Paulo Freire y Edgar Morin, presentando preguntas que resumen la comprensión actual y suscitan nuevas investigaciones sobre el diálogo entre educación liberadora y pensamiento complejo.

**Palabras clave:** Paulo Freire. Edgar Morin. Educación liberadora. Pensamiento complejo. Andanzas

## 1. Primeiras Palavras sobre fecundas Andarilhagens

O artigo apresenta uma aproximação teórico-conceitual entre os dois pensadores - Paulo Freire e Edgar Morin - cujas obras são essenciais e complementares para compreender/exercer

práticas educativas transformadoras na contemporaneidade, diante da injustiça social que se evidencia em diversas formas de opressão. Mais do que um estudo bibliográfico, o processo de produção priorizou estabelecer relações entre o conhecimento produzido nas Andarilhagens exercidas pelas autoras, levando em conta os estudos e pesquisas que realizam sobre o pensamento de Paulo Freire e de Edgar Morin, em diferentes contextos de suas experiências.

O termo Andarilhagem, apresentado no Dicionário Paulo Freire (Streck; Redin; Zitzkoski, 2008), é empregado para enfatizar o compromisso das autoras em relação aos estudos que realizam. O verbete é de autoria de Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo e educador que foi, à sua época, parceiro e interlocutor de Paulo Freire, coadunando com a compreensão de que:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (Brandão, 2018, p.44).

Assim, mais do que referir-se a uma pesquisa em específico, os estudos apresentados pelas autoras aproximam histórias de vida que têm em comum a perseverança quanto ao trabalho de ensino e pesquisa fundamentado no pensamento dos autores que buscam conhecer, desafiando-se a reinventá-los. Na atualidade de suas experiências, duas das autoras integram a direção do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin e outra faz parte da diretoria da Associação Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. A despeito de maior detalhamento da apresentação de cada uma das autoras, a referência institucional é um indicativo da dedicação dos estudos que realizam. Além disso, o desenvolvimento do texto tomará como referência suas próprias autorias, aproximando compreensões e proposições.

São autorias que se entrecruzam para argumentar a relevância do diálogo proposto, ao conceberem que Paulo Freire e Edgar Morin são “dois pensadores progressistas que nos apontam para a importância de uma reforma de pensamento que pressupõe uma práxis ecológica” (Petraglia; Arone, 2021, p. 125), tendo a esperança uma “perspectiva histórica comum à magnífica obra desses dois grandes educadores (Moraes, 2020, p. 73) e constituindo aportes teórico-conceituais para “conceber a educação como um ato político-complexo” (Freitas, 2023, p. 261). Ademais, consideram os estudos entre o pensamento freireano<sup>1</sup> e o moriniano um campo de investigação de grande relevância.

Em 2021, ano de celebração do centenário dos autores, muitas foram as homenagens a Paulo Freire – *in memoriam* – e a Edgar Morin realizadas por meio de publicações dedicadas a expressar a atualidade do pensamento de ambos. No contexto das atividades do ano do centenário, os estudos de aproximação entre os educadores também foi uma forma de homenageá-los. Entre outros, destaca-se o e-book organizado por Maximina Freire, ao nomear como *cem anos eternos* o marco de “cem anos de nascimento, de realizações e de ensinamentos” (Freire, 2021, p. 7). Segundo a autora, os textos reunidos “destacam múltiplas facetas do pensamento e das obras de Freire e Morin. Revelam, contudo, limites e limitações, pois não pretendem esgotar as possibilidades de interlocução que autores tão profícuos poderiam suscitar” (ibidem).

Na mesma direção, as aproximações realizadas na trama entre as experiências das autoras suscitam questionamentos que serão abordados ao longo do texto, com uma dupla função: tanto sintetizam o estudo realizado quanto sugerem possibilidades de aprofundamento teórico-conceitual entre os aportes da educação libertadora e do pensamento complexo. Portanto, a principal contribuição é atualizar estudos sobre quão fecundas são as aproximações teóri-

---

<sup>1</sup> A grafia empregada prioriza manter inalterado o nome do autor, diferente do que indicam as normas ortográficas, segundo as quais a grafia correta seria freiriano (FREITAS, 2023, p. 61).

co-conceituais entre o pensamento de Paulo Freire e Edgar Morin, apresentando questionamentos que sintetizam a atualidade da compreensão e suscitam novas investigações acerca do diálogo entre a educação libertadora e o pensamento complexo.

Na continuidade, o texto se organiza em três partes, seguidas de considerações para seguir as Andarilhagens em diálogo com Paulo Freire e Edgar Morin. A primeira parte expressa a compreensão acerca da indissociabilidade entre ontologia, epistemologia e metodologia, destacando as contribuições de cada um dos autores a este respeito. Na segunda parte, a concepção moriniana acerca dos fundamentos da complexidade é apresentada como um desafio à reforma de pensamento, destacando a utopia freireana expressa no conceito de inédito-viável como perspectiva para o desencadeamento de tais processos educativos nesta direção. Na terceira parte os fundamentos teórico-metodológicos são a ênfase do diálogo estabelecido entre Paulo Freire e Edgar Morin, apresentando a compreensão acerca da educação como um ato político-complexo como síntese do diálogo estabelecido e referência para compreender/exercer as práticas educativas como processos de (trans)formação permanente.

Ao considerações apresentadas ao final, convidam a prosseguir em diálogo, buscando compreender, na teoria e na prática, como o conceito de Andarilhagem, oriundo do pensamento freireano, se potencializa metodologicamente a partir dos princípios que operacionalizam o pensamento complexo de Edgar Morin. Deste modo, suscita possibilidades para novas investigações.

## 2. Ontologia, epistemologia e metodologia

Sabemos que a educação é, certamente, a base e o esteio para que a vida se transforme no futuro, em especial, o pensamento humano e as instituições dele decorrentes. Entretanto, falta uma visão complexa, ecossistêmica, da problemática que nos afeta capaz de levar em consideração as relações dinâmicas e recursivas que ocorrem entre os mais diversos domínios da existência humana.

Hoje, admite-se, cada vez mais, que não é a soma de pontos de vista das soluções e contribuições parciais que ajudam a compreender a complexidade de um problema real e a encontrar a sua solução. Pelo contrário, é preciso aprender a pensar complexamente, articulando os diferentes pontos de vista, os múltiplos olhares sobre o objeto do conhecimento, para que possamos afrontar os problemas fundamentais e globais de cada indivíduo e da sociedade como um todo. E isso implica a cooperação de vários saberes disciplinares, de saberes científicos e humanísticos, evitando-se a compartimentação e a separabilidade entre eles (Moraes, 2021).

Pressupõe uma reforma do pensamento a partir de uma mudança paradigmática nos princípios e teorias que regem as nossas visões de mundo e a maneira como se constroi o conhecimento, a partir de determinados princípios lógicos de organização, articulados ao paradigma que os orienta. Assim, todo paradigma ou perspectiva teórica traz consigo relações lógicas entre as dimensões ontológicas<sup>2</sup>, epistemológicas<sup>3</sup> e metodológicas no que se refere às teorias, princípios, conceitos e noções utilizadas, governando os diferentes discursos e iluminando as diversas ações deles decorrentes. E tais aspectos induzem ou permitem o uso de determinadas abordagens metodológicas que privilegiam diferentes cosmovisões.

Para Edgar Morin, o paradigma orienta, governa, controla a organização das racionalidades individuais e os sistemas de ideias que lhe obedecem (Roger-Ciurana, 1997), ou seja, rege a ordem do discurso, a ordem do mundo e dá sentido às atuações sociopolíticas. Como proposto por Thomas Kuhn (1994), paradigma é algo que vai além da ciência, influenciando todo o pensamento, todo o sistema de ideias e todo o conhecimento. Assim, cada paradigma ou cada perspectiva teórica adota posturas ontológicas e epistemológi-

---

<sup>2</sup> Ontologia, etimologicamente, significa o estudo filosófico do ser e do vir-a-ser, segundo Mário Bunge (2000).

<sup>3</sup> Epistemologia ou “*filosofia da ciência é aquela que investiga a natureza do conhecimento científico e tecnológico*” (...) “*a epistemologia é a que se ocupa das questões teóricas básicas concernentes à ciência e à tecnologia. A epistemologia, em resumo, é o eixo da ciência da ciência*” Para Mário Bunge (1980, p. 182).

cas específicas em relação à natureza da realidade e do conhecimento. Desta forma, trazem consigo uma postura filosófica subjacente às estratégias metodológicas adotadas e que proporcionam determinado contexto e uma fundamentação para o desenvolvimento de ações, valores e visões de mundo. Isso nos revela a existência de uma atadura que não desata as relações entre o SER, o CONHECER e o FAZER e, conseqüentemente, entre epistemologia e antropologia. É mais, partimos do pressuposto de que toda reforma epistemológica pretendida exige coerência estratégica entre ontologia, epistemologia e metodologia.

Todos esses aspectos apresentados, decorrentes da virada ontoepistemológica da Ciência do Século XX, em que se percebeu que o universo já não era constituído por objetos isolados e que o observador já não poderia ser neutro em relação ao objeto observado, nos ajudam a analisar, a reconhecer e a explicitar as posturas filosóficas e epistemológicas tanto de Paulo Freire como de Edgar Morin, percebendo seus aspectos complementares, antagônicos e divergentes, caso existam.

É importante observar que, para alguns autores como Taveira, Severino e Romão (2018), apesar de que Freire tenha dado maior ênfase em suas obras à prática educativa concreta em detrimento da fundamentação ontológica de seu pensamento, com o que concordamos, entretanto, é possível, sim, explicitá-la, tendo em vista a relevância no pensamento de Freire sobre o papel do ser humano como base estruturante de todo o seu edifício conceitual, em especial em suas obras – *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Pedagogia da Esperança* (1992) e *Pedagogia da Autonomia* (1996). Mesmo sendo a dimensão menos explícita na literatura focada sobre o pensamento de Freire e nos seus escritos, a dimensão ontológica está sempre presente, mesmo que de forma subliminar, dando sustentação à sua prática pedagógica e à sua teoria de educação, ao esclarecer o modo de ser humano, a maneira crítica como este ser humano se relaciona com a realidade a ser transformada. Na própria definição de Freire, “o ser humano é um ser inacabado e consciente de seu

inacabamento, portanto, um ser em constante busca. O sujeito da busca é o próprio homem” (Freire, 1987, p. 83). É um ser que está sempre em processo de vir-a-ser. Um ser que “está sendo”, que está se transformando em comunhão com o mundo em que vive, em comunhão com a realidade histórico-social vivida.

O mesmo acontece com Edgar Morin, para quem, em sua visão ontológica, a realidade funcionaria a partir de uma engenharia complexa em que o SER e a REALIDADE estão tecidos juntos. Aqui, o SER é parte da REALIDADE, já que o mundo funcionaria de maneira sistêmico-organizacional, ou seja, constituído de totalidade/partes, cujo padrão funcional é em rede (Capra, 1997). Portanto, é a complexidade, em sua dimensão organizacional e como fator constitutivo do real, que se encontra presente na estrutura que une os diferentes níveis fenomenológicos constitutivos da realidade. Para Edgar Morin, esta tessitura comum entre os diferentes níveis constitutivos da realidade, é o que caracteriza a *complexidade organizacional* como fator constitutivo da vida e que possibilita o entrelaçamento dos fenômenos, eventos e processos constitutivos da dinâmica do real. “*Complexus é o que é tecido junto*”, nos dirá Edgar Morin (1990a, p.20). Assim, a complexidade presente na organização do todo é a *complexidade multiplex*, ou seja, aquela que liga e religa a unidade na diversidade, a unidade complexa e que, por sua vez, constitui o *background* onde os acontecimentos, as ações, as interações, as retroações e o acaso acontecem. Para ele, a unidade está dentro do que é complexo e o complexo está dentro do que é uno.

No que se refere à dimensão epistemológica presente nas obras desses dois autores, temos as seguintes observações a fazer. Primeiramente, compreender que Paulo Freire, apesar de ser considerado um pensador e educador de sólidas bases filosóficas, ele não é considerado epistemólogo, diferentemente de Edgar Morin que percorreu todo o arco do conhecimento e desenvolveu sua epistemologia da complexidade. Freire foi da prática para a teoria e Morin foi da teoria para a prática. Ele foi mais epistemólogo, do que sociólogo, ou mesmo, educador. O Pensamento Complexo partiu de

uma epistemologia proposta por ele para depois chegar à educação, de forma complementar, enquanto Freire percorreu o caminho inverso indo da educação à epistemologia. Primeiramente, ele foi um educador popular e, posteriormente deu suas contribuições epistemológicas, políticas, antropológicas e éticas. Para ele, a verdadeira epistemologia se resolve na prática, por sua vez, grávida de teoria.

Um outro aspecto importante é perceber que a epistemologia da complexidade é fruto de uma ontologia complexa, na qual o ser e a realidade, o sujeito e o objeto são constitutivos um do outro, pautando-se pelo princípio da complexidade que, segundo Morin, consiste em ligar, em religar, em distinguir, mas sempre relacionando, articulando as relações entre sujeito e objeto do conhecimento, indivíduo e contexto, educador e educando. Tal compreensão se diferencia do princípio da simplificação que se fundamenta na separação dos diferentes domínios do conhecimento propugnada pelo paradigma tradicional da ciência. Assim, a complexidade implica em uma nova epistemologia, uma nova maneira de observar a realidade que exige uma nova narrativa sobre o conhecimento do real. Ela traz consigo novas explicações de como a inteligência humana opera, a maneira como o intelecto deve fazer para construir conhecimento e interagir com o mundo a partir do fluir das experiências desenvolvidas, possibilitando uma nova explicação a respeito da realidade, de maneira oposta às explicações científicas da modernidade.

Ambos, Freire e Morin, promoveram um rompimento epistemológico em relação ao paradigma tradicional da ciência, a partir da reintrodução do sujeito esquecido pela ontologia e epistemologia tradicionais de natureza positivista. No processo de construção do conhecimento, ambos reintroduzem o sujeito e exigem, simultaneamente, o reconhecimento do outro em seu legítimo outro ao criar espaços educativos para expressão da alteridade e da liberdade. Ambos também perceberam a recursividade presente no processo de conhecer, a complexidade existente no processo de ação e reflexão, o que lhes permitiu o desenvolvimento de um pensamento autorreflexivo e autocrítico como algo sempre aberto, criativo e

desafiador dos fundamentos do pensamento tradicional e das armadilhas da comunidade acadêmica. Perceberam também que, no universo do conhecimento, a neutralidade já não existia, pois toda situação experimental mudava dependendo do olhar do observador, o que revelou também a inexistência de um mundo objetivo lá fora independente da ação daquele que conhece.

Assim, já não seria mais possível eliminar o sujeito e toda a sua problemática do processo de conhecer. Muito pelo contrário, era preciso resgatá-lo, reintroduzi-lo e conhecer as condições bioantropo e sócio-históricas de nossa condição humana, pois o sujeito do conhecimento é o sujeito da práxis, o mesmo que, aprendendo a partir de uma relação dialógica, transforma-se ao construir o seu mundo. E para compreender a nossa condição humana, multidimensional, é preciso reformar as estruturas do pensamento, o tipo de racionalidade desenvolvida, a maneira como observamos e questionamos a realidade que nos cerca. Isso implica uma mudança epistemológica radical na nossa concepção de ser humano, em sua condição de sujeito, já não mais isolado, mas inserido numa comunidade de destino e de vida. É a complexidade, com sua epistemologia, que nos ajuda a compreender a nossa condição humana e como ocorrem os processos de construção do conhecimento, a partir do que acontece na corporeidade humana e nas relações do sujeito com o mundo ao seu redor.

Por fim, um aspecto primordial quanto às convergências entre estes dois brilhantes pensadores é o que se refere à importância do diálogo como princípio ontológico, epistemológico e metodológico, tanto na obra de Edgar Morin como na de Paulo Freire. É ontológico por ser uma condição existencial ao sujeito que se assume como autor e que tem algo a dizer. É epistemológico por ser intrínseco ao processo de construção do conhecimento, por estar na base das relações sujeito e objeto do conhecimento, sujeito e mundo. É metodológico como condição de materialização de sua metodologia que se concretiza baseada nos mais diferentes diálogos, tais como reflexão e ação, teoria e prática, sujeito e contexto, educador e

educando. É também um princípio antropológico porque, por meio dele, nos construímos como pessoas. Para Freire, a dialogicidade é a essência da educação liberadora. É condição para a superação da relação entre opressor e oprimido, pois permite a aproximação das consciências para poder concretizar o processo de conscientização. Possibilita também o diálogo com a realidade no processo de ação e reflexão crítica sobre o mundo. Assim, o diálogo se apresenta como condição fundamental da dinâmica da vida.

Edgar Morin ratifica esta compreensão ao expressar que o princípio dialógico é o componente operacional do Pensamento Complexo. É sobretudo, um princípio transcendental, transformador, transversal e transdisciplinar de qualquer processo educativo, pois é no diálogo que nos colocamos, ontológica e epistemologicamente, como construtores do conhecimento, da realidade, do mundo e da vida. Este é um dos pontos de convergência entre estes dois grandes pensadores.

Lendo a obra de Paulo Freire é evidente que o conhecimento que se materializa mediante um processo dialógico é o mesmo que liberta. É esse processo que permite ao ser aprendiz reconstruir sua realidade, resgatar sua dignidade e transformar o seu mundo. Diálogo, não como um ato mecânico, mas como algo que exige disponibilidade interior e respeito entre os sujeitos que se comunicam e dialogam. Diálogo como um processo de troca de experiências que acontece dentro de uma práxis social que leva à ação e à reflexão social e política. Assim, toda a estratégia metodológica que busque a conscientização e a libertação somente pode se realizar como tal vivenciando um processo dialógico, o que certamente implica uma opção epistemológica e política no sentido de dismantelar os mecanismos e estruturas opressoras. O diálogo seria, então, para Freire, uma opção metodológica, mas também ontológica, epistemológica e, sobretudo, antropológica, pois é a partir dele que nos construímos como pessoas.

Enfim, de acordo com as explicações anteriormente trabalhadas envolvendo a existência de um nó górdio entre as dimensões

ontológicas, epistemológicas e metodológicas no que se refere à observância de um paradigma, entendemos que, a partir dos pressupostos decorrentes da nova Ciência do Século XX, o método já não pode ser concebido como um conjunto de regras pré-estabelecidas, certas e permanentes, como algo pré-determinado que funcione de modo linear e determinista. Para Edgar Morin, o método, “*concebido como atividade pensante do sujeito*” (Morin, 2005, p. 337) deve ser compreendido como um caminho que se descobre ao caminhar, podendo, a qualquer momento, em função das emergências ocorrentes, bifurcar, optar por uma nova rota ou trilha a ser percorrida. Isto, certamente, não significa improvisação, mas perceber o método como produto de uma atividade reflexiva do sujeito capaz de pensar, inventar e criar durante o seu próprio caminhar. É o método desenvolvido na errância e na incerteza humana, nas palavras de Edgar Morin (2005). Isto significa que o método não se sujeita a esquemas preconcebidos ou a uma prática completamente padronizada. Apenas informa que não podemos colocar o método adiante da experiência humana, pois não existe um único molde que sirva para tudo, um único caminho ou uma mesma maneira de pensar, de explorar, inventar e conhecer a realidade.

Para Edgar Morin, não haveria uma metodologia ou um programa definido *a priori*. O programa é sempre algo pré-determinado. Mas, um método pensado a partir de estratégias de ação seria fruto da atividade pensante do sujeito, tendo como referências as diferentes relações complexas ocorrentes entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Uma estratégia metodológica permite a realização de desvios, pois evolui de maneira aberta, afronta o inesperado, o imprevisível, dialoga com as incertezas e inova sempre que necessário. Ela permite que o sujeito aprenda com os seus erros que se transformam em etapas de um processo evolutivo de construção do conhecimento. Entender o método como estratégia e como caminho é absolutamente diferente do método científico tradicional com suas certezas e verdades, com sua causalidade linear e seus determinismos históricos. Mas, toda estratégia tem que ter uma fi-

nalidade, uma intencionalidade e orientação para que os objetivos sejam alcançados.

Para Paulo Freire, o ponto de partida do seu método de alfabetização sempre foi a ação. E, sob o nosso ponto de vista, a compreendemos como *uma ação perceptivamente guiada*, nas palavras de Francisco Varela (1991), implicando a reflexão crítica sobre ação, sobre a prática desenvolvida. É a reflexão crítica sobre a ação perceptivamente guiada, ou seja, sobre a práxis que promove a articulação dialética entre teoria e prática, sendo esta, seu ponto de partida e de chegada. É a práxis, pensada como estratégia, que se produz a conscientização como processo crítico recursivo, a partir de uma “curiosidade epistemológica” que requer rigorosidade metodológica para superação da “curiosidade ingênua”. Quanto mais se desenvolve a curiosidade crítica em relação ao objeto de conhecimento, mais se desenvolve a ‘curiosidade epistemológica’, revelando, assim, as relações de interdependência entre as dimensões ontológica, epistemológica e metodológica no ato de conhecer e de aprender, como observado anteriormente.

Em suma, ao relacionarmos Freire e Morin com a questão do método como estratégia de ação, fica mais evidente um outro ponto de convergência metodológica entre ambos, que é aquele proporcionado pelo reconhecimento da incerteza intrínseca aos processos de conhecer e aprender, pois nada está pré-determinado ou estabelecido *a priori*. Aqui as estratégias vão se convertendo em ações - reflexões que vão evoluindo à medida que a relação do sujeito com a realidade também evolui. E assim, o método utilizado, como ação-reflexão perceptivamente guiada, passa a ser obra de um ser inteligente, consciente, criativo, inventivo, que desenvolve estratégias de pensamento e de ação para responder às incertezas, o que está de acordo com a complexidade moriniana e com o pensamento freiriano.

A potência da reflexão acerca da relação entre ontologia, epistemologia e metodologia apresenta desafios teórico-práticos sobre os quais podem ser destacados alguns questionamentos. Para

Paulo Freire, ação e mundo, mundo e ação são complexamente solidários e acoplados, bem como a consciência de si e a consciência do mundo emergem juntas. Então, é possível conceber o Método de Alfabetização proposto por Freire a partir do ponto de vista de Varela, em que toda ação é sempre uma ação perceptivamente guiada? Não seria o método de Paulo Freire composto por um conjunto de estratégias de ações perceptivamente guiadas, tendo a dialogia como categoria estruturante principal de sua práxis? Como tais questionamentos nos remetem a elucidar as implicações entre complexidade e reforma de pensamento?

### 3. Complexidade e reforma de pensamento

Complexo é um tipo de pensamento que considera a inseparabilidade do múltiplo e do diverso. É o pensamento que troca a causalidade unilinear e unidirecional pela causalidade multirreferencial, que substitui a lógica clássica rígida pela dialógica que integra, ao mesmo tempo, noções opostas, antagônicas e complementares como a noção circular presente na relação das partes com o todo e do todo com as partes (Petraglia, 2013; Petraglia, 2020).

A epistemologia da complexidade explica que o conhecimento progride pela capacidade criativa de conceituar, ligar e globalizar, para a resolução de problemas. Mas, isso não significa apostar na quantidade de saberes armazenados. Valendo-se da máxima de Montaigne, Morin adverte que menos importa “uma cabeça bem cheia” que acumula e empilha saberes do que “uma cabeça bem-feita”, que reflete e enfrenta os desafios, organiza e religa conhecimentos e, a eles confere sentido (Morin, 2000a).

A reforma do pensamento é a proposta da mudança de um pensamento simples para o complexo. Para Morin, ela é uma “revolução nas estruturas do próprio pensamento (...) que deve tornar-se complexo” (Morin, 2005, p. 10). E, introduz um princípio de conexão, capaz de unir o que está separado, religar fenômeno ao ambiente, sujeito ao objeto, conhecimento ao seu contexto. Reformar o pensamento é também compreender a necessidade e a urgência

de se estabelecer novas relações com o planeta para *Tornar a Terra habitável*, título de um ensaio de Edgar Morin e Peter Sloterdijk, que enfatiza responsabilidade, solidariedade e ética como pressupostos para uma existência “interdependente”, de acordo com Morin ou para manter a “coimunidade”, como quer Sloterdijk. (Morin; Sloterdijk, 2021). Ainda para Morin, reformar o pensamento é considerar a necessária interdependência entre razão, afetividade – paixão em uma racionalidade aberta, que acolhe sabedoria e loucura do ser humano complexo (Idem, Ibidem).

Esse é um movimento que evoca resistência, ousadia, persistência, porque exige mais do que um novo modo de ver o mundo, mas implica também, uma transformação multidimensional de perspectiva de pensar, sentir, fazer, ou seja, uma transformação profunda, a “grande regeneração”, “a esperança ética e política”, uma “metamorfose” (Morin, 2017), tal como a lagarta que se transforma em borboleta.

Só um pensamento abrangente, multidimensional, complexo é capaz de realizar uma reforma dessa magnitude para regenerar o humanismo, a ética, as solidariedades dispersas, a fraternidade, como caminho para o devir planetário, ou seja, para a construção de uma política de civilização. Do mesmo modo, a regeneração ética das sociedades deve considerar a reforma do pensamento que é concomitante à reforma das instituições sociais, educacionais, políticas. Uma grande reforma de vida depende e se nutre de diversas reformas, reciprocamente necessárias, articuladas e interdependentes.

Morin nos alerta para o fato de que as mudanças geralmente iniciam a partir de ações marginais, isoladas e, até desviantes que, depois se tornam tendência, ganham força, espaço e passam a ser valorizadas, por isso mesmo, precisamos alimentar o sonho, a esperança e a utopia. Concordamos com o autor, quando se refere à grande reforma, como sendo, simultaneamente (2017, p. 178): “(...) completamente realista e completamente utópica. É completamente utópica porque forças gigantescas de ilusão e de erro a ela

se opõem. É completamente realista porque está nas possibilidades concretas da humanidade no atual estágio da era planetária”.

Do mesmo modo, compartilhamos da compreensão de Freire, ao referir-se a esperança – do verbo esperar – como ação consciente e intencional e utopia como possibilidade de realização. Ele é veemente, ao afirmar:

Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. E o que é que eu quero dizer com sonhar o sonho possível? [...] O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática: exige de mim a descoberta [...] sonho possível tem que ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação domesticadora [...] educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível [...]. Utópica no sentido de que esta é uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio[...] (Freire, 1982, p. 99-100).

Em meio ao caos em que as sociedades vivem, momento de megacrise planetária, pródigo em incertezas, conflitos, desencontros, será possível o desencadeamento da reforma do pensamento? Quando ela virá? É uma “ruptura, uma brecha, um desvio” (Morin, 2011)? A reforma do pensamento é um processo individual, solitário, coletivo, planetário? Enfrentaremos os fantasmas dos *imprintings* de nossa cultura, com seus paradigmas normativos e dominadores (Morin, 2011)? Podemos manter a ideia do “inédito viável” transgressor (Freire, 1987, 1992)? Devemos apostar na esperança de realização da “boa utopia de um mundo melhor” (Morin, 2020)?

#### 4. Educação, (trans)formação e implicações metodológicas

A aproximação entre o pensamento de Paulo Freire e Edgar Morin é essencial e complementar para conceber e fundamentar teórico-conceitualmente a compreensão de que a educação é um ato político-complexo (Freitas, 2004; 2023).

Com Paulo Freire, reconhecemos a necessidade da tomada de consciência acerca da não neutralidade da prática educativa; há

que se ter clareza do que se faz, por que, para que e a favor de quem. Dito de outra forma, trata-se de reconhecer a exigência de que a prática docente se torne prática pedagógica, visto que: “A prática docente é prática pedagógica quando esta se insere na intencionalidade prevista para a sua ação” (Franco, 2012, p. 160).

Com Edgar Morin aprendemos a reconhecer os limites da ação quanto à realização de suas intencionalidades, ao enfatizar a complexidade da vida e da condição humana, convidando-nos a esperar o inesperado e a não deixar de apostar no improvável. Sendo assim, a educação não se reduz à previsibilidade de resultados, mas requer e envolve fundamentos complexos que desafiam à reforma de pensamento, conforme abordado na seção anterior.

Nesta direção, destaca-se o pensamento moriniano acerca da ecologia da ação.

Tão logo um indivíduo empreende uma ação, qualquer que seja, esta começa a escapar de suas intenções. Esta ação entra em um universo de interações e é finalmente o meio ambiente que se apossa dela, em sentido que pode contrariar a intenção inicial. (Morin, 2000b, p.86-87)

Em diálogo com o pensamento de Paulo Freire, podemos considerar que a tomada de consciência da ecologia da ação é uma exigência da reforma de pensamento, cuja abertura proporciona perceber/conviver com o sentido *complexus*. “É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originários de termo *complexus*: o que é tecido junto” (Morin, 2000a, p.89).

O entendimento da educação como ato político-complexo envolve considerar a noção de processo, bem como o reconhecimento de que a assunção da intencionalidade político-pedagógica é elemento necessário, mas não suficiente quanto aos resultados esperados. Dito de outra forma, envolve reconhecer que o movimento de ação-reflexão-ação não é um processo caracterizado simplesmente por um crescente movimento no qual o processo refle-

xivo atinge sempre patamares mais elevados, mas envolve recuos, dispersões, tensionamentos e outras peculiaridades da condição humana de inacabamento e incompletude (Freire, 1996).

Assim, em diálogo com Freire e Morin é preciso compreender o movimento da práxis ação-reflexão-ação a partir de dois outros elementos: a emoção e o registro, sendo ambos um desafio à constituição de práticas educativas transformadas e transformadoras. A emoção inevitavelmente se encontra, podendo tanto contribuir quanto obstruir a configuração de processos educativos. O outro elemento, igualmente relevante é o registro, levando em conta o testemunho de Paulo Freire acerca das possibilidades de exercê-lo como apoio à reflexão sobre a prática (Freire, 1992). Além disso, o potencial formativo do ato de registrar também pode proporcionar a realização de processo de sistematização da experiência, de acordo com a metodologia proposta por Oscar Jara (Jara, 2006; 2012).

Assim, o diálogo estabelecido entre o pensamento freireano e moriniano apresenta implicações metodológicas que coadunam com a perspectiva de Oscar Jara, considerando que:

Continuaremos resistindo a apresentar “modelos” ou “receitas” a aplicar, como talvez demandem algumas pessoas. Mas estamos também conscientes de que devemos mostrar exemplos concretos e instrumentos manipuláveis, para não ficarmos apenas na análise e em recomendações abstratas e gerais. Estas contribuições continuarão sendo trechos do caminho percorrido e, quem sabe, inspirações para uma busca constante (Jara, 2012, p. 26)

Com Freire e Morin enfatizamos a noção de processo político-complexo enquanto um desafio prático, mediante o reconhecimento das relações constituintes entre os quatro elementos que compõem o todo em que consiste o Tetragrama da (trans)formação permanente, apresentado a seguir.

Imagem: Tetragrama da (trans)formação permanente.



Fonte: Freitas (2023, p. 133).

A matriz tetragramática apresentada por Morin em sua obra *Ciência com consciência* (Morin, 1990b) empregando uma peculiar expressão gráfica para expressar a qualidade complexa das relações concebidas entre quatro elementos ordem, desordem, interação e organização. Este aporte de referência, tão potente quanto pouco explorado, é parafraseado para expressar a complexidade inerente aos quatro elementos constituintes do conceito/processo de (trans) formação: ação, reflexão, emoção e registro.

Resulta do diálogo entre o pensamento de Paulo Freire e Edgar Morin a proposição do Tetragrama da (trans)formação permanente como referência para a constituição de práticas pedagógicas não prescritivas sobre o “como fazer”. Ou seja, propõe o desafiar a compreensão acerca das relações entre parte e todo, levando em conta que: (1) a causa pode ser também o efeito, assim como o inverso (princípio da recursividade); (2) os opostos podem ser complementares (princípio dialógico) e (3) o todo é mais ou menos do que a soma das partes (princípio hologramático). (Morin, 1990b). Cada um dos princípios representa um desafio à reforma de pensamento, tanto em si mesmo, quanto nas relações entre os mesmos e destes com o todo.

Ademais, a imagem inclui ícones que ressaltam como cada palavra/conceito representa um todo, constituindo um instigante objeto de conhecimento em si, ao mesmo tempo em que é também parte que integra a matriz teórico-conceitual do tetragrama como um todo, contribuindo para elucidar a complexidade dos processos de (trans)formação permanente. A problematização dos ícones pode ser um ponto de partida para o diálogo sobre cada um dos elementos, sobre as relações estabelecidas entre os mesmos, bem como sobre a qualidade complexa do todo que representam, estabelecendo relações entre experiências diversas no âmbito da formação acadêmica.

Nesta direção, é instigante pensar sobre várias questões. Como as emoções estão presentes nos processos educativos? De que maneira aparecem e como se transformam? Quais emoções inibem ou desencadeiam processos reflexivos? Por sua vez a reflexão, em que momentos e de que maneira se faz presente? Como o ato de registrar, pedagogicamente intencionado, pode contribuir promover a reflexão sobre a prática? Quais relações podem ser observadas e pedagogicamente instituídas a partir do registro? Entre outras.

## 5. Considerações para seguir as Andarilhagens em diálogo com Paulo Freire e Edgar Morin

O estudo apresentado reuniu aportes dos estudos e pesquisas realizados pelas autoras, realizando aproximações teórico-conceituais a partir de três focos distintos e complementares para expressar a potência do diálogo entre os aportes do pensamento freireano e moriniano. Ontologia, epistemologia e metodologia; Complexidade e reforma de pensamento; e Educação, (trans)formação e implicações metodológicas são as perspectivas das aproximações vislumbradas pelas autoras, a partir das quais elaboram questionamentos com o objetivo de suscitar novos estudos.

Os questionamentos apresentados em cada seção são reveladores das inquietações que motivam o aprofundamento de estudos na continuidade das Andarilhagens em diálogo com Paulo Freire

e Edgar Morin. Merece reiterar, o termo é empregado de acordo com a concepção freireana de que se aprende em movimento, bem como sugerindo que a aproximação com a complexidade moriniana configura um modo peculiar de Andarilhar, por meio do qual nos (trans)formamos mútua e continuamente. O emprego da letra maiúscula pretende chamar atenção para a concepção metodológica atribuída ao termo, convidando para o aprofundamento desta compreensão, na teoria e na prática.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.44-45.

BUNGE, Mario. **Epistemologia**: curso de atualização. Tradução Claudio Navarro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BUNGE, Mario. **Física e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. – 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em formação: Saberes Pedagógicos / Coordenação Selma Garrido Pimenta).

FREIRE, Maximina Maria (Org.). **Paulo Freire e Edgar Morin**: emancipação e complexidade. – São José do Rio Preto, SP: HN, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **O educador**: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia do inédito-viável**: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

.FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. -- 2a ed. -- Belo Horizonte: Caravana, 2023.

JARA, Oscar Holliday. **Sistematização das experiências**: algumas apreciações. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (orgs.) Pesquisa participante: o saber da partilha. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006, p.227-243.

JARA, Oscar Holliday. **A sistematização de experiências**: prática e teoria para outros mundos possíveis. Tradução de Luciana Gafrée e Sílvia Pinevro; colaboração Elza Maria Fonseca Falkembach. Brasília, DF: CONTAG, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1994.

MORAES, Maria Cândida. Paulo Freire: um pensador transdisciplinar. Posfácio. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Leituras de Paulo Freire**: Uma Trilogia de Referência. Prefácio de Ana Maria Araújo Freire; posfácio de Maria Cândida de Moraes; contribuições de Maria Luísa Souto Maior Spitéri, Felicia Jennings-Winterle e Oscar Jara Holliday. -- 2a ed. amp. -- New York: Editora BeM, 2020, p. 69-74.

MORAES, Maria Cândida. **Paradigma Educacional Ecológico**: por uma nova ecologia da aprendizagem humana. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2021.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: as lições do coronavírus. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Colaboração Sabah Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Trad. Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MORIN, Edgar. **O método 4**. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Trad. Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000a.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000b.

MORIN, Edgar. **O Paradigma perdido**: a natureza humana. Sintra/Portugal: Publicações Europa América, 1990a.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Portugal: Publicações Europa-América Ltda., 1990b.

MORIN, Edgar; SLOTERDIJK, Peter. **Tornar a Terra habitável**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Fagner França. Natal, RN: EDUFRN, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br>

PETRAGLIA, Izabel Cristina; ARONE, Mariangelica. Paulo Freire e Edgar Morin: combatentes da esperança e da utopia por um mundo novo possível. **Educação & Linguagem**. v.24, 2021, p.125–149. Disponível em: <file:///C:/Users/anaf/LAPTOP-EFGI6RVN/Downloads/1036533-41779-2-PB.pdf> Acesso: 10 jan. 2024.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PETRAGLIA, Izabel. **Pensamento complexo e educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

ROGER-CIURANA, Emilio. **Edgar Morin: Introducción al pensamiento complejo**. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico. Universidad de Valladolid, 1997.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TAVEIRA, Adriano Nogueira; SEVERINO, Antônio Joaquim; ROMÃO, Natália Priscilla. Ontologia, epistemologia e axiologia em Pedagogia do Oprimido. **Revista Educação e Perspectiva**. Viçosa/MG, V.9, N° 03, p. 538-552, Set/Dez 2018.

VARELA, Francisco. **The embodied mind**. Cambridge. MA: The MIT Press, 1991.